

ALEAGUARA

Elizabeth Strout

Oh, William!

Tradução de Tânia Ganho



*Este livro é dedicado ao meu marido,
Jim Tierney*

E a quem precisar delas, estas páginas são para si

Gostava de dizer umas coisas sobre o meu primeiro marido, o William.

Recentemente, o William passou por acontecimentos muito tristes – como tantos de nós –, mas eu gostava de os mencionar aqui, é quase como uma compulsão. Ele tem setenta e um anos, agora.

O meu segundo marido, o David, morreu no ano passado e, quando fiz o luto por ele, sofri também pelo William. O luto é... oh, é uma coisa tão solitária, acho que é isso que a torna aterradora. É como escorregar pelo exterior de um edifício de vidro muito alto sem ninguém nos ver.

Mas é do William que quero aqui falar.

* * *

Chama-se William Gerhardt e, quando nos casámos, adotei o apelido dele, embora, na altura, não fosse de bom tom. A minha colega de quarto da faculdade disse: «Lucy, vais adotar o apelido dele? Pensei que fosses feminista.» E eu disse-lhe que me estava nas tintas para ser feminista; disse-lhe que não queria continuar a ser eu. Naquela altura, tinha a sensação de que estava *cansada* de ser eu, passara a minha vida

inteira a querer não ser eu – era o que eu pensava – e, por isso, adotei o nome dele e tornei-me Lucy Gerhardt durante onze anos, mas nunca me pareceu bem e, praticamente assim que a mãe do William morreu, fui ao Registo Automóvel mudar o nome na minha carta de condução, embora fosse mais difícil do que eu previra; tive de lá voltar para entregar uns documentos judiciais, mas fi-lo.

Tornei-me outra vez Lucy Barton.

Estivemos casados durante quase vinte anos até eu o deixar, temos duas filhas e damo-nos bem há muito tempo... como, não sei dizer ao certo. Ouvem-se histórias terríveis sobre divórcios, mas, tirando a separação em si, a nossa não é uma delas. Às vezes, eu pensava que ia morrer da dor de nos termos separado e da dor que isso causou às minhas filhas, mas não morri, e aqui estou, e o William também.

Sendo escritora, tenho de escrever esta história quase como se fosse um romance, mas é verdadeira; o mais verdadeira de que sou capaz. E quero dizer... oh, é difícil decidir o que dizer! O que interessa é que, quando conto alguma coisa sobre o William, é porque ele ma contou ou porque a vi com os meus próprios olhos.

Portanto, começarei esta história quando o William tinha sessenta e nove anos, ou seja, há menos de dois anos.

* * *

Uma imagem:

Recentemente, a assistente de laboratório do William começara a chamar-lhe Einstein, e o William parecia achar

muita graça a isso. Não penso que o William seja nada parecido com o Einstein, mas percebo a ideia da rapariga. O William tem um bigode hirsuto, com pelos mais escuros no meio da brancura, mas é uma espécie de bigode esmerado, e o cabelo é farto e branco. Usa-o aparado, mas realmente fica espetado para todos os lados. É um homem alto e veste-se com elegância. E não tem aquela expressão ligeiramente maluca que, a meu ver, o Einstein tinha. O rosto do William mostra-se amiúde fechado, com uma afabilidade inabalável, exceto quando, muito de vez em quando, ele lança a cabeça para trás e se ri de verdade; não o vejo fazer isso há imenso tempo. Os olhos são castanhos e mantiveram-se grandes; nem toda a gente conserva os olhos grandes quando envelhece, mas o William, sim.

Ora...

Todas as manhãs, o William levantava-se no seu apartamento espaçoso, na Riverside Drive. Imaginem-no: a afastar o edredão fofo com a capa de algodão azul-escura, a mulher dele ainda a dormir na cama extra-grande, e a ir à casa de banho. Todas as manhãs, sentia-se enferrujado. Mas tinha uma lista de exercícios e fazia-os, indo para a sala, onde se deitava de barriga para cima no grande tapete preto e vermelho, com o lustre antigo por cima dele, e pedalava as pernas no ar, como se andasse de bicicleta, depois esticava-se para um lado e para o outro. A seguir, mudava-se para o cadeirão *bordeaux*, junto da janela com vista sobre o rio Hudson, e lia as notícias no computador portátil. A dada altura, a Estelle saía do quarto e acenava-lhe, ensonada, e ia acordar a filha deles, a Bridget, que tinha dez anos, e, depois de o William tomar banho, os três partilhavam o pequeno-almoço na cozinha, sentados à mesa

redonda. O William gostava dessa rotina e a filha era uma menina conversadora, o que também lhe agradava; era como ouvir um pássaro, disse ele uma vez, e a mãe dela também era palradora.

Quando saía de casa, atravessava o Central Park e, a seguir, apanhava o metro para a baixa, onde saía na Rua 14 e fazia o resto do percurso a pé, até à Universidade de Nova Iorque. Apreciava essa caminhada diária, embora reparasse que já não era tão rápido como os jovens que passavam por ele ao encontrão, com os seus sacos de comida, ou os seus carrinhos de passeio com duas crianças, ou as suas *leggings* de elastano e auscultadores nos ouvidos, os seus tapetes de ioga pendurados no ombro com um elástico. Animava-se por conseguir ultrapassar muita gente – o velho de andarilho, ou uma mulher de bengala, ou simplesmente uma pessoa da sua idade que parecia mover-se mais devagar do que ele – e isso fazia-o sentir-se saudável e vivo e quase invulnerável num mundo de trânsito constante. Orgulhava-se de caminhar mais de dez mil passos por dia.

O que eu estou a querer dizer é que o William se sentia (quase) invulnerável.

Por vezes, nessas caminhadas matinais, pensava: Oh, meu Deus, eu podia ser aquele homem...!, ali, na cadeira de rodas, sentado ao sol matinal no Central Park, com uma auxiliar num banco a dedilhar o telemóvel, enquanto a cabeça do homem caía para a frente sobre o peito, ou podia ser *aquela*...!, com um braço retorcido por um AVC, passada irregular... Mas, depois, o William pensava: Não, eu não sou aquelas pessoas.

E ele não era aquelas pessoas. Era, como já disse, um homem alto, a quem a idade não acrescentara quilos (a não

ser uma barriguinha que mal se via, vestido), um homem que ainda tinha cabelo, já branco mas farto, e era... olhem, era o William. E tinha uma mulher, a terceira, vinte e dois anos mais nova do que ele. O que não era de somenos importância.

Mas, à noite, era frequente ele ter terrores noturnos.

O William contou-me isto um dia, de manhã – há quase dois anos –, quando tomámos um café no Upper East Side. Encontrámo-nos num restaurante barato na esquina da Rua 91 com a Lexington Avenue. O William tem montes de dinheiro e distribui-o generosamente; uma das instituições que patrocina é um hospital para adolescentes situado perto de minha casa e, dantes, quando ele tinha uma reunião lá, muito cedo, ligava-me e encontrávamo-nos nessa esquina para tomar um café rápido. Nesse dia – estávamos em março, uns meses antes de o William fazer setenta anos –, sentámo-nos numa mesa a um canto desse restaurante; nas janelas, tinham pintado trevos a comemorar o Dia de São Patrício, e eu pensei – pensei mesmo – que o William parecia mais cansado do que era hábito. Já muitas vezes constatei que o William está cada vez mais atraente com a idade. O cabelo branco e farto dá-lhe um ar ilustre; ele usa-o um nadinha mais comprido do que antigamente e forma uma leve poupa, com o grande bigode descaído a servir de contraponto; as maçãs do rosto estão mais salientes e os olhos continuam escuros. É um bocadinho esquisito, porque ele nos observa por inteiro – de maneira agradável – mas, de vez em quando, os olhos tornam-se momentaneamente penetrantes. E que penetra ele com esse olhar? Nunca percebi.

Nesse dia, no restaurante, quando lhe perguntei: «E então, William, como é que estás?», pensei que ele me respondesse como fazia sempre, isto é, que dissesse num tom irónico: «Ora, estou ótimo, obrigado, Lucy», mas, nessa manhã, limitou-se a dizer: «Estou bem.» Vestia um comprido sobretudo preto, que despiu e dobrou na cadeira ao seu lado antes de se sentar. O fato era de alfaiate, porque, desde que conhecera a Estelle, usava fatos de alfaiate e, portanto, assentava-lhe perfeitamente nos ombros; era cinza-escuro e a camisa azul-clara, a gravata vermelha; ele tinha um ar solene. Cruzou os braços no peito, como faz tantas vezes. «Estás todo bonito», disse-lhe eu e ele respondeu: «Obrigado.» (Acho que o William nunca me disse que estou com bom aspeto, ou bonita, ou sequer bem, de todas as vezes que nos vimos, ao longo dos anos, e a verdade é que sempre tive esperança de que o fizesse.) Ele pediu café para nós os dois e os seus olhos saltitaram pelo restaurante, enquanto repuxava levemente o bigode. Falou sobre as nossas filhas durante uns momentos – temia que a Becka, a mais jovem, estivesse irritada com ele; tinha sido (vagamente) desagradável ao telefone, quando ele lhe ligara uma vez, só para conversar, e eu disse-lhe que era uma questão de lhe dar espaço, ela estava a adaptar-se ao casamento –, falámos assim durante uns instantes e, depois, o William fitou-me e disse:

– Button, quero contar-te uma coisa. – Inclinou-se para a frente, por uns segundos. – Tenho tido uns terrores noturnos horríveis, de madrugada.

Quando ele usa o nome carinhoso com que costumava tratar-me no nosso passado comum, significa que está presente de corpo e alma, o que muitas vezes (demasiadas vezes) não acontece, e fico sempre comovida quando me trata assim.

– Estás a falar de pesadelos? – perguntei.

Ele inclinou a cabeça, como se ponderasse sobre isso, e respondeu:

– Não. Eu acordo. E as coisas vêm-me à cabeça na escuridão. Nunca tinha sentido uma coisa assim – acrescentou. – Mas aterroriza-me, Lucy. Aterroriza-me.

O William inclinou-se outra vez para a frente e pôs a chávena de café.

Observei-o.

– Andas a tomar alguma medicação diferente? – perguntei.

Ele fez uma ligeira careta.

– Não.

– Então, experimenta tomar um comprimido para dormir – ripostei.

– Nunca na vida tomei um comprimido para dormir – disse ele, o que não me surpreendeu. Mas acrescentou que a mulher, sim: a Estelle tomava uma série de comprimidos, ele desistira de tentar perceber a mão-cheia que ela tomava à noite. «Vou tomar os comprimidos», dizia ela, alegre, e meia hora depois estava a dormir. Não se importava com isso, contou-me. Mas, para ele, os comprimidos não eram solução. Dito isto, no espaço de quatro horas, acordava muitas vezes, e muitas vezes os terrores começavam.

– Conta-me – pedi.

E ele contou, olhando para mim só de vez em quando, como se ainda estivesse dentro desses terrores.

Um terror: não era nomeável, mas tinha que ver com a mãe. A mãe – chamava-se Catherine – morrera muitos, muitos anos antes, mas, nesse terror noturno, ele sentia

a presença dela, só que não era uma presença boa, o que me surpreendeu, porque o William a amara. O William fora filho único e sempre compreendera o amor (discretamente) feroz da mãe.

Para superar esse terror, ele ficava deitado na cama, acordado, ao lado da mulher a dormir – contou-me isto naquele dia e quase acabou comigo – e pensava em *mim*. Pensava no facto de eu existir e estar viva naquele preciso instante – eu estava viva – e isso reconfortava-o. Porque sabia que, se tivesse de o fazer – embora não o quisesse fazer a meio da noite, nunca –, disse ele, endireitando a colher no pires da chávena de café, sabia que, se *precisasse* de o fazer, me ligaria e eu atenderia o telefone. Disse que descobriu que a minha presença era a coisa que mais o reconfortava e, assim, voltava a adormecer.

– É claro que me podes ligar sempre – confirmei.

E o William revirou os olhos.

– Eu *sei*. Foi precisamente *isso* que acabei de dizer – retorquiu.

Outro terror: este prendia-se com a Alemanha e com o pai, que morreu quando o William tinha catorze anos. O pai viera da Alemanha como prisioneiro de guerra – Segunda Guerra Mundial – e mandaram-no trabalhar nos campos de cultivo de batatas no Maine, onde conheceu a mãe do William; ela era casada com o agricultor de batatas. Este terror possivelmente era o pior, porque o pai combatera do lado dos nazis e esse facto revisitava o William por vezes, à noite, e deixava-o aterrorizado: via os campos de concentração com toda a clareza – visitámo-los numa viagem à Alemanha – e via as câmaras onde as pessoas eram gaseadas e, então, tinha de se levantar da cama

e ir para a sala e acender a luz, sentar-se no sofá e olhar pela janela para o rio, e por mais que pensasse em mim ou fosse no que fosse, esses terrores não passavam. Não eram tão frequentes como os que envolviam a mãe, mas, quando o atormentavam, eram terríveis.

Mais um: este prendia-se com a morte. Prendia-se com uma sensação de partida, sentia-se quase a deixar o mundo e, como não acreditava na vida depois da morte, nalgumas noites isso inundava-o com uma espécie de terror. Mas geralmente conseguia ficar na cama, embora por vezes se levantasse e fosse para a sala, se sentasse no cadeirão *bordeaux* junto da janela e lesse um livro – gostava de biografias – até sentir que conseguiria readormecer.

– Há quanto tempo tens esses terrores? – perguntei.

O restaurante onde estávamos existia há anos e estava cheio, àquela hora do dia; a empregada atirara-nos quatro guardanapos brancos de papel para cima da mesa, depois de nos trazer o café.

O William olhou pela janela e pareceu observar uma velha que passava com um andarilho dotado de um banco; avançava devagar, curvada, o casaco enfunado ao vento.

– Acho que há uns meses – respondeu.

– Quer dizer que apareceram sem mais nem menos?

E ele fitou-me; as sobancelhas por cima dos olhos escuros começavam a parecer desgrenhadas e ele disse:

– Creio que sim. – Passado um instante, recostou-se e acrescentou: – Deve ser só porque estou a ficar mais velho.

– Talvez. – Mas não estava convencida de que fosse essa a razão. O William sempre fora um mistério para

mim. E para as nossas filhas, também. Hesitante, perguntei: – Queres falar com alguém sobre isso?

– Credo, não – exclamou, e essa parte dele não era um mistério para mim, calculei que me respondesse assim.

– Mas é horrível – acrescentou.

– Oh, Pillie – disse eu, tratando-o pelo nome carinhoso que usava há séculos. – Tenho muita pena.

– Quem me dera que nunca tivéssemos feito aquela viagem à Alemanha – confessou ele. Pegou num dos guardanapos e limpou o nariz. Depois, passou a mão (quase instintivamente, como faz muitas vezes) pelo bigode. – E quem me dera que não tivéssemos ido a Dachau. Não paro de ver aqueles... aqueles crematórios. – Olhando para mim, acrescentou: – Foste esperta por não teres entrado.

Fiquei surpreendida por o William se lembrar de que eu não tinha entrado na câmara de gás nem nos crematórios, naquele verão em que fomos à Alemanha. Não entrei, porque, já naquela altura, me conhecia o suficiente para saber que não o devia fazer; e não o fiz. A mãe do William morrera no ano anterior e as miúdas tinham nove e dez anos; estavam numa colónia de férias, juntas, durante duas semanas e, por isso, viajámos para a Alemanha – eu pedi só que fôssemos em voos separados, tinha pavor de morrermos ambos num acidente de avião e deixarmos as miúdas órfãs, o que, percebi depois, era uma palermice, porque facilmente podíamos ter os dois morrido na *autobahn*, já que os carros passavam por nós a toda a velocidade –, portanto fomos à Alemanha ver o que conseguíamos descobrir sobre o pai do William, que morrera, como eu já disse, quando ele tinha catorze anos; morreu num hospital em Massachusetts de uma peritonite, ia tirar um pólipó do intestino, houve uma perfuração e ele

morreu. Fomos à Alemanha nesse verão, porque o William recebera muito dinheiro uns anos antes, viemos a saber que o avô tinha lucrado com a guerra e, quando o William fez trinta e cinco anos, recebeu o dinheiro de um fundo fiduciário, o que foi uma fonte de angústia para ele e, portanto, viajámos até lá juntos e vimos o velhote, que era *muito* velho, e conhecemos duas tias do William, que foram educadas mas frias, pelo menos achei que foram. E o velhote, o avô dele, tinha uns olhinhos cintilantes e não gostei nada, mas nada dele. A viagem deixou-nos muito infelizes.

– Sabes que mais? – disse eu. – Acho que essa coisa dos terrores noturnos vai começar a desaparecer. Deve ser uma fase... e vai resolver-se por si só.

O William fitou-me outra vez.

– Os que envolvem a Catherine é que me afetam mesmo muito – disse ele. – Não faço ideia do que significam. – O William sempre se referiu à mãe pelo nome próprio; e tratava-a assim. Não me lembro de alguma vez ele a tratar por «mãe». E, então, pousou o guardanapo na mesa e levantou-se. – Tenho de ir – anunciou. – É sempre um prazer ver-te, Button.

– William! – exclamei. – Há quanto tempo bebes café?

– Há anos – disse ele. Curvou-se para me dar um beijo e a face dele estava fria; o bigode roçou-me ao de leve a bochecha.

Virei-me para o ver pela janela: dirigia-se a passos rápidos para o metro e não levava as costas tão direitas como era hábito. A imagem dele nesse momento partiu-me o coração, um bocadinho. Mas eu estava acostumada a essa sensação; tinha-a quase sempre depois de o ver.

*

Durante o dia, o William trabalhava no seu laboratório. É parasitólogo e lecionou Microbiologia na Universidade de Nova Iorque durante muitos anos; ainda o deixam utilizar o laboratório e dispor de um aluno como assistente, mas já não dá aulas. Sobre não dar aulas: ficou surpreendido por perceber que não tinha saudades – contou-me recentemente –, parece que se sentia nervoso sempre que enfrentava uma turma e foi só quando parou de dar aulas que tomou consciência disso.

Porque é que este pormenor me comove? Talvez porque nunca me apercebi disso; e porque ele também não.

E, portanto, agora, ele ia trabalhar todos os dias, das dez da manhã às quatro da tarde, e escrevia artigos, fazia investigação e supervisionava a assistente que trabalhava no laboratório. De vez em quando – duas vezes por ano, julgo eu –, ia a congressos e apresentava um artigo a outros cientistas que trabalhavam na sua área.

* * *

Aconteceram duas coisas ao William, depois de nos termos encontrado no restaurante, e já lá vou.

Antes, deixem-me só falar-vos rapidamente sobre os casamentos dele:

Eu, Lucy.

O William tinha sido assistente de laboratório do meu professor de Biologia – ele era aluno de pós-graduação –, quando eu andava no segundo ano do curso, numa

faculdade nos arredores de Chicago; foi assim que nos conhecemos. Ele era – e ainda é, como é óbvio – sete anos mais velho do que eu.

Eu vinha de uma família de uma pobreza extrema. Isto faz parte da minha história e eu gostava que não fizesse, mas faz. Vinha de uma casa mínima no meio do Illinois; antes de nos mudarmos para a casa mínima, vivemos numa garagem até aos meus onze anos. Quando morávamos na garagem, tínhamos uma pequena sanita química, mas estava constantemente a avariar, o que deixava o meu pai furioso. Havia uma casa de banho exterior, mas para lá chegar tínhamos de atravessar um campo agrícola; uma vez, a minha mãe contou-me que um homem tinha sido assassinado e decapitado e que, depois, puseram a cabeça dele numa casa de banho exterior. A história assustou-me tanto, que eu nunca levantava a tampa da sanita da tal casa de banho exterior sem pensar que ia deparar com as órbitas de um homem e, muitas vezes, fazia as minhas necessidades no campo, se não houvesse ninguém por perto, embora no inverno fosse mais difícil. Também tínhamos um penico.

A nossa casa ficava a meio de não sei quantos hectares de milheirais e de plantações de soja. Tenho um irmão e uma irmã mais velhos e, na altura, vivíamos com os nossos pais. Mas aconteceram coisas muito más naquela garagem e, mais tarde, na casa mínima. Escrevi sobre algumas das coisas que aconteceram nessa casa e sinceramente não me apetece escrever mais nada sobre isso. Mas éramos terrivelmente pobres. Portanto, vou só dizer uma coisa: quando tinha dezassete anos, ganhei uma bolsa de estudos completa para a tal faculdade nos arredores de Chicago, quando nunca ninguém na minha família fora além do secundário.

A minha orientadora vocacional levou-me de carro à faculdade, chamava-se Sr.^a Nash; foi-me buscar às dez da manhã de um sábado, no final de agosto.

Na noite anterior, eu tinha perguntado à minha mãe o que devia levar como bagagem e ela ripostou: «Quero lá saber o que tu levas.» Portanto, acabei por pegar em dois sacos de papel da mercearia, que encontrei debaixo do lava-louça, e numa caixa que estava na carrinha do meu pai e guardei as minhas poucas peças de roupa nos sacos e na caixa. Na manhã seguinte, a minha mãe saiu de carro, às nove e meia, e eu precipitei-me para o longo caminho de terra e gritei: «Mãe! Mamá!» Mas ela foi-se embora, virando para a estrada onde o letreiro pintado à mão anunciava arranjos de costura. O meu irmão e a minha irmã não estavam, não me lembro porquê. Pouco antes das dez, quando me dirigi para a porta, o meu pai perguntou: «Tens tudo o que é preciso, Lucy?» Quando olhei para ele, vi-lhe lágrimas nos olhos, e respondi: «Tenho, papá.» Mas não fazia ideia do que precisava na faculdade. O meu pai abraçou-me e disse: «Acho que fico aqui dentro», e eu percebi. «Está bem, eu espero lá fora», e postei-me na entrada, com os sacos da mercearia e a caixa contendo as minhas poucas peças de roupa, até a Sr.^a Nash chegar.

A partir do momento em que entrei no carro da Sr.^a Nash, a minha vida mudou. Oh, se mudou!

E, depois, conheci o William.

Quero dizê-lo já, à partida: ainda me assusto muito. Creio que deve ser por causa do que me aconteceu na juventude, mas assusto-me muito e com muita facilidade. Por exemplo, quase todas as noites, quando o Sol se põe,

ainda fico assustada. Ou, às vezes, sinto um medo repentino, como se estivesse para me acontecer uma coisa terrível. Apesar de não saber isto conscientemente sobre mim própria quando conheci o William, todas essas sensações me pareciam... oh, sei lá, julgo que me pareciam simplesmente típicas da minha maneira de ser.

Quando decidi pôr fim ao meu casamento com o William, fui a uma consulta com uma psiquiatra, uma mulher amorosa, e ela fez-me uma série de perguntas nessa primeira consulta, eu respondi-lhe e, então, ela revelou-me, puxando os óculos para o cocuruto, o nome do problema que me afligia. «Lucy... a Lucy sofre de stresse pós-traumático agudo.» De certa forma, isso ajudou-me. Isto é, ajudou-me na medida em que ajuda dar nome às coisas.

Deixei o William na altura em que as miúdas entraram na faculdade. Tornei-me escritora. Quer dizer, já era escritora, mas comecei a publicar livros – tinha um livro publicado –, enfim, o que eu quero dizer é que comecei a publicar livros com regularidade.

A Joanne.

Cerca de um ano depois do fim do nosso casamento, o William casou-se com uma mulher com quem tivera um caso durante seis anos. Podem ter sido mais do que seis anos, não sei. Esta mulher, que se chamava Joanne, era nossa amiga desde os tempos da faculdade. Parecia o oposto de mim, pois era alta e de cabelo escuro e comprido; e calma. Depois de se casar com o William, tornou-se muito amarga – o que o surpreendeu (ele contou-me isto recentemente) –, porque sentia que tinha desperdiçado os seus anos férteis sendo amante dele – embora nenhum

dos dois usasse esta palavra, é a palavra que decidi usar agora – e, portanto, quando se instalaram na sua rotina de casados, ela ficava sempre incomodada com as duas filhas que ele tinha tido comigo, embora a Joanne as conhecesse desde que eram muito pequeninas. Ele achou de mau gosto ir a uma terapeuta conjugal com a Joanne. Pensou que a terapeuta era inteligente e que a Joanne, nem por isso, embora só se tenha apercebido desse pormenor no consultório, com o seu horrível sofá de almofadas cinzentas e a mulher sentada à frente deles numa cadeira giratória, numa divisão sem luz natural, porque a única janela tinha um estore de papel de arroz a tapar a vista para o poço de ar de outro prédio, foi só nessa consulta que ele percebeu isso sobre a Joanne, que a inteligência dela era moderada e que a atração que sentira por ela durante tantos anos se devera ao simples facto de a Joanne não ser eu, a Lucy, a mulher dele. Eu.

O William aguentou as consultas durante oito semanas. «Só queres o que não podes ter», dissera-lhe a Joanne, baixinho, numa das últimas noites que passaram juntos, e ele – de braços cruzados, é assim que o imagino – não respondera. O casamento durou sete anos.

Odeio-a. A Joanne. Odeio-a.

A Estelle.

O terceiro casamento dele foi com uma mulher graciosa (muito mais nova) e com ela teve uma filha, embora lhe tenha dito inúmeras vezes, quando se conheceram, que não queria mais filhos. Quando lhe contou que estava grávida, a Estelle disse: «Podias ter feito uma vasectomia» e ele nunca se esqueceu dessa frase. Pois podia. E não o fizera. Percebeu que ela engravidara de propósito e, então, foi

imediatamente fazer uma vasectomia. Sem dizer nada à Estelle. Quando a menina nasceu, ele descobriu uma coisa no facto de ser pai tardio de uma criança pequenina: adorava-a. Adorava-a mesmo, mas, ao olhar para ela, especialmente quando era bebé, e depois mais ainda à medida que foi crescendo, não parava de pensar quase a tempo inteiro nas duas filhas que tivera comigo e, quando ouvia falar de homens que tinham duas famílias – e depreendia que ele próprio pertencia a esse grupo – e que passavam mais tempo com os filhos mais novos e os mais velhos ressentiam-se dos mais novos por causa disso e essa coisa toda, ele sentia sempre, no seu íntimo: Não é o meu caso. Porque a Bridget, filha dele e da Estelle, às vezes quase o fazia desmoronar-se com um amor nostálgico que lhe brotava das profundezas, um amor pelas duas primeiras filhas que, nessa altura, já tinham mais de trinta anos.

Quando falava com a Estelle ao telefone durante o dia, às vezes chamava-lhe Lucy e a Estelle ria-se sempre e reagia bem.

* * *

Voltei a ver o William na festa do seu septuagésimo aniversário, que a Estelle organizou em casa deles. Foi no final de maio e estava uma noite límpida, mas muito fria. O meu marido, o David, também tinha sido convidado, mas era violoncelista na Filarmónica e tocava nessa noite, portanto fui sozinha, e as nossas filhas, a Chrissy e a Becka, estavam lá com os maridos. Eu já visitara o apartamento duas vezes, na festa de noivado da Becka e numa festa de anos da Chrissy, e nunca gostei do espaço. É cavernoso, divisão atrás de divisão desenrolando-se à medida que

vamos entrando; achei-o escuro e demasiado rebuscado para o meu gosto, se bem que quase tudo seja demasiado rebuscado para o meu gosto. Já conheci várias pessoas oriundas de um meio muito pobre que amiúde tentam compensar isso com apartamentos deslumbrantes, mas a casa em que eu vivia com o David – e ainda vivo – é simples; o David também cresceu num meio pobre.

Seja como for, a Estelle é de Larchmont, no estado de Nova Iorque, e de uma família com dinheiro, e ela e o William criaram uma casa que me deixou silenciosamente desconcertada, porque não parecia uma casa de família, parecia aquilo que era: divisão atrás de divisão com tapetes bonitos, soalho e lambris de madeira, muita madeira escura, demasiado escura, diria eu, e lustres aqui e ali, e uma cozinha do tamanho do nosso quarto. Para os padrões de Nova Iorque, a cozinha era enorme, com muitos cromados e, no entanto, também ela de madeira escura, os armários e uma série de coisas. Uma mesa redonda de madeira na cozinha e, na sala de jantar, outra, comprida e muito maior. E espelhos distribuídos pelas assoalhadas. Eu sabia que a decoração tinha sido cara, o cadeirão *bordeaux* junto da janela era uma grande peça estofada e o sofá castanho-escuro tinha almofadas de veludo.

Enfim, o que estou a dizer é que nunca percebi aquela casa.

Na noite da festa de anos do William, passei por um mercado de rua e comprei três ramos de tulipas brancas para levar e, lembrando-me disso, constato que é mesmo verdade que oferecemos prendas que nós próprios é que gostaríamos de receber. O apartamento estava cheio de gente, embora não tanto como eu imaginara, mas esse

tipo de coisa deixa-me sempre nervosa. Metemos conversa com alguém e aparece outra pessoa e temos de interromper o que estávamos a dizer e, depois, vemos os olhos dela passearam pela sala enquanto falamos... enfim. Foi stressante, mas as miúdas – as nossas filhas – mostraram-se muito queridas e foram simpáticas para a Bridget, reparei nisso e fiquei contente, porque quando me falam dela nem sempre são generosas e é claro que eu tomo o partido delas, que a Bridget é uma cabeça-de-vento e superficial, essa coisa toda, mas ainda é muito novinha, e bonita, e sabe que é. E rica, como se não bastasse. Ela não tem culpa nenhuma destas coisas, digo para mim própria sempre que a vejo. Não é da minha família. Mas tem laços familiares com as nossas filhas, portanto assunto encerrado.

Havia uma série de homens mais velhos que tinham trabalhado com o William na Universidade de Nova Iorque, e as mulheres deles, algumas eu já conhecia há anos, e era pacífico, mas cansativo. Estava lá uma mulher chamada Pam Carlson, que tinha sido colega do William muitos anos antes – trabalharam juntos num laboratório qualquer – e estava bêbeda, mas eu lembrava-me mais ou menos dela de há muito tempo e, na festa, foi muito faladora comigo; não parava de falar do primeiro marido, o Bob Burgess. Lembrava-me eu dele? Respondi que, infelizmente, não. E a Pam, que estava muito elegante nessa noite, com um vestido que nunca me teria passado pela cabeça usar, muito justo – embora lhe ficasse bem, um vestido preto sem mangas que achei incrivelmente decorado, mas os braços dela eram magros e pareciam tonificados do ginásio, embora ela devesse ter a minha idade, sessenta e três, e fosse meio comovente, dentro do seu estilo

bêbedo –, a Pam apontou com a cabeça para o marido, que estava de pé ao fundo, e disse que o amava, mas que andava a pensar muito no Bob, e se isso também me acontecia em relação ao William? E eu disse: «Às vezes», e pedi licença e afastei-me dela. Tive a sensação de que eu própria estava tão tocada, que era capaz de me abrir com a Pam sobre o William e as situações em que mais sentia saudades dele, mas, como não queria fazer isso, fui ter com a Becka e ela esfregou-me o braço e disse: «Olá, mamã.» E, depois, a Estelle fez um brinde. Usava um vestido com lantejoulas incrustadas no tecido, que lhe torneava lindamente os ombros; era uma mulher atraente, com uma cabeleira ruiva-acastanhada e revolta, de que sempre gostei, e fez um brinde e eu pensei: Que bem que falou. Mas ela é atriz de profissão.

– Ai, mãe – sussurrou a Becka –, tenho de fazer um brinde!

– Não, não tens – respondi. – Porque é que achas que sim?

Mas, depois, a Chrissy fez um brinde, e muito bem feito, não me lembro de absolutamente nada do que ela disse, mas foi tão bom como o da Estelle, ou melhor ainda. Só me lembro de que ela falou – a dada altura – do trabalho do pai e tudo o que ele fizera para ajudar tantos alunos. A Chrissy é alta como o pai e tem um ar muito calmo; sempre teve. A Becka fitou-me com medo nos seus olhos castanhos e, depois, murmurou:

– Ai, mamã, aqui vai. – E levantando o copo, disse: – Pai, o meu brinde é dizer que te adoro. É esse o meu brinde. Adoro-te.

As pessoas bateram palmas e abraçaram-na e a Chrissy aproximou-se e as miúdas foram queridas uma para

a outra, como são quase sempre, acho eu; sempre foram, a meu ver, quase invulgarmente próximas, vivem a dois quarteirões uma da outra em Brooklyn. Falei com os maridos delas durante mais uns minutos: o marido da Chrissy trabalha no setor financeiro, o que é um bocado estranho para mim e para o William, porque o William é cientista e eu sou escritora e, por isso, não conhecemos ninguém que trabalhe nesse meio, e ele é um homem arguto, vê-se-lhe nos olhos, e o marido da Becka é poeta, oh meu Deus, coitado do homem, e eu acho-o egocêntrico. Depois, o William veio ter connosco e conversámos todos descontraidamente durante uns minutos, até que alguém o chamou e ele baixou-se e disse:

– Obrigado por teres vindo, Lucy. Foi querido da tua parte.

* * *

Por vezes, durante o nosso casamento, eu detestava-o. Percebia, com uma espécie de peso de pavor no peito, que, com o seu distanciamento afável, as suas expressões brandas, ele não estava disponível. E era pior do que isso. É que, por baixo dessa afabilidade, espreitava uma irritabilidade pueril, uma zanga que lhe tremeluzia na alma, um menino gorducho com o lábio inferior espetado para fora que culpava os outros por isto e por aquilo. Culpava-me a mim, senti isso muitas vezes; culpava-me por alguma coisa que não tinha nada que ver com as nossas vidas presentes e culpava-me mesmo quando me chamava «querida» e me fazia um café – nessa altura, ele nunca bebia café, mas preparava-me uma chávena todas as manhãs –, pousando-o à minha frente com ar de mártir.

Galardoada com o Prémio Pulitzer e uma das escritoras mais empolgantes do presente, Elizabeth Strout mergulha num dos grandes temas da literatura: o casamento.

No regresso da personagem Lucy Barton — protagonista dos romances *O meu nome é Lucy Barton* e *Tudo é possível* —, encontramos, desta vez, uma mulher madura, que conquistou fama e sucesso enquanto escritora. Um acontecimento inesperado traz de volta à vida de Lucy o seu primeiro marido, William, alguém que foi sempre um mistério para ela. Misteriosa é também a forte ligação que os une ainda. Lucy acaba de ficar viúva, William atravessa uma crise no seu terceiro casamento, enquanto procura descobrir um segredo do passado da mãe. É a Lucy que William pede apoio e companhia. Juntos iniciam um périplo geográfico e emocional que os levará para longe de Nova Iorque.

Ao evocar o passado de ambos — os tempos da faculdade, o nascimento das filhas, a dissolução do casamento e as vidas refeitas com novos companheiros —, Strout compõe o retrato de uma convivência de décadas, conturbada e cúmplice. À medida que a narrativa avança, entrevemos as forças silenciosas que mantêm Lucy e William unidos. Percebemos também que, para se habitar em pleno uma nova vida, é preciso sarar feridas e celebrar o que se conquistou.

Oh, William! — saga familiar cujo esqueleto vai sendo desmontado em camadas — assenta num ponto nevrálgico: a voz indómita de Lucy Barton, veículo para uma reflexão profunda e delicada sobre a existência, qualidade presente em todos os livros da magistral Elizabeth Strout. Um romance luminoso sobre o amor, a perda e os segredos de família que regressam sem aviso e nos deixam aturdidos.



«A ficção de Elizabeth Strout tem uma qualidade sobrenatural: o modo como alcança águas profundas com o mais simples dos movimentos. Quando chega ao fim, este romance mostra-nos que a origem do amor está mais próxima do reconhecimento do que da compreensão, mesmo que levemos uma vida inteira a perceber a diferença.»

The Guardian



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
 penguinlivros
 alfaguaraeditora

ISBN 9789897843051



9 789897 843051 >